ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA RELACIONADA À INCLUSÃO NOS ANAIS DIGITAIS DO ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA ENTRE 2014-2018

*Anderson Rodrigues
Angela Sanches Rocha
Priscila Tamiasso-Martinhon*

“O acesso à comunicação em seu sentido mais amplo é o acesso ao conhecimento, e isso é de importância vital para nós, se não quisermos continuar sendo desvalorizados ou protegidos por pessoas videntes bondosas”. (Louis Braille)

Introdução

Em um país de dimensão continental, marcado tanto pela exclusão estrutural, quanto pelas especificidades e diversidade – culturais, étnicas, religiosas, econômicas, físicas, ideológicas, políticas – de sua população, é preciso que todos assumam responsabilidades para a construção de uma sociedade inclusiva e equalitária. Contudo, a realidade pontua que a vida de grande parte dos brasileiros ainda é caracterizada pelo preconceito, exclusão, carência de atendimento adequado em saúde e edu-

cação, falta de acesso ao mundo do trabalho, do lazer, do esporte, da cultura, entre outros (TAMIASO-MARTINHON et al., 2018; PREUSSLER; CORDAZZO, 2018). Nesse contexto, enquanto o campo normativo tende a seguir mudanças paradigmáticas sobre como a sociedade compreende o processo de exclusão/inclusão, o campo operacional necessita se (re)articular para preencher as lacunas criadas pelas demandas não atendidas (BARRETO; REIS, 2011).

Apesar de controversas, pesquisas e indagações no campo da inclusão têm sido recorrentes em ensino, extensão e educação, advertindo sobre a necessidade de se ampliar o debate teórico-metodológico dessa temática, de modo a reduzir as fragilidades normativas e operacionais de seus domínios correlatos (BEYER, 2003; SAVIANI, 2011; AFONSO, 2013; SILVA; BEGO, 2018). Se por um lado, diferentes níveis multimodais podem ser empregados para esse tipo de investigação - sobretudo ao se considerar a interpenetração multidisciplinar que ela atinge e abrange - por outro, tais questionamentos nem sempre possuem respostas imediatas.

Uma maneira de expandir diálogos sobre teorias em aberto é participar de eventos científicos. Estes, por sua vez, cada vez mais se fortalecem como local de fala imprescindível ao incentivo de discussões, debates, reflexões, críticas, socialização e divulgação de conhecimento. É nesse ambiente de aprendizagem colaborativa, legiti-

mação de pesquisas e de relatos de experiências, que temas de interesse no campo de atuação de sujeitos - discentes e docentes, tanto da Educação Básica (EB), quanto do Ensino Superior (ES); pesquisadores; extensionistas, profissionais liberais e da indústria - vinculados a diferentes áreas do conhecimento, se encontram dialogicamente (ou deveriam), sugerindo inclusive quais são as tendências mais recentes de investigação.

Ainda sobre eventos científicos, além do aspecto supracitado, eles são fundamentais durante o processo de apropriação da identidade discente~docente~aprendente de pesquisadores em formação. Logo, visitar e (re)visitar anais de eventos científicos, bem como estruturar revisões bibliográficas sistemáticas desses, podem contribuir para o surgimento de um olhar acadêmico mais amplo e consistente (LACERDA et al., 2008). Assim, o objetivo do presente trabalho consiste em compartilhar a análise realizada das publicações do Grupo de Trabalho (GT) Inclusão e Políticas Educacionais (IPE), disponibilizadas nos anais do Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ), acessível nos portais eletrônicos das edições desse evento a partir de 2014.

Considerações iniciais e referenciais teóricos

O ENEQ é um dos principais congressos na área de Química do país, e, provavelmente, o maior e mais

relevante encontro em Ensino de Química. Trata-se de um evento de extrema importância, que reúne pesquisadores de várias áreas e de diferentes campos de pesquisa (ENEQ, 2012/ 2014/ 2016/ 2018). A primeira edição, em 1982, foi realizada em Campinas (SP), na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp). Desde então o evento ocorre bianualmente, contabilizando dezenove edições até o presente momento. Em 2020, a vigésima edição dessa reunião seria em Recife (PE). Contudo, devido ao isolamento social decorrente da pandemia de SARS-Cov2 (Covid-19) - declarada pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020 - o XX ENEQ, que estava previsto para o mês de julho, acontecerá de forma remota em 2021, a fim de seguir as recomendações sanitárias vigentes. Portanto, não será considerada neste levantamento.

Em uma análise feita a partir dos Anais de 2010 do ENEQ¹, foi possível identificar o surgimento de uma área específica destinada para temas relacionados a educação inclusiva. Este GT passou por algumas mudanças ao longo das últimas edições, até chegar ao formato atual - como ilustrado na Tabela 1 - e a partir de 2014 essa sessão passou a se chamar “Inclusão e Políticas Educacionais” (ENEQ, 2014/ 2016/ 2018), resultante da união do

¹Os portais eletrônicos das edições anteriores ao ano de 2006 não estavam disponíveis durante a elaboração deste artigo.

GT “Ensino de Química e Inclusão” com o GT “Políticas Educacionais e Educação Química” (ENEQ, 2012).

Tabela 1: Anos de realização do ENEQ constando as linhas temáticas voltadas para o tema “Inclusão”

Ano de Realização do Evento	Especificação da Área Temática
2006 e 2008	Sem área temática específica
2010	Educação e Inclusão
2012	Ensino de Química e Inclusão
2014 a 2018	Inclusão e Políticas Educacionais

Fonte: Autoria própria, 2020.

O ENEQ vem embasando teoricamente vários trabalhos de cunho bibliográfico. Em geral esse tipo de levantamento, as vezes referido como estado da arte, é um estudo sistemático de revisão. Sua função é propiciar uma análise crítica sobre determinado tema, tendo como fonte de dados um recorte da literatura disponível, utilizando-se de métodos estruturados e definidos para angariar, agrupar e avaliar diversos estudos primários (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014). Este tipo de pesquisa almeja mapear, em um período específico, a tendência de um determinado assunto científico, contribuindo para a disseminação de informações acadêmicas, além de confrontar dados e auxiliar profissionais na formulação de novas pesquisas (GALVÃO; PEREIRA, 2014;

SAMPAIO; MANCINI, 2007; UNESP, 2015; OLIVEIRA, 2019).

Uma investigação metodológica passível de ser empregada em revisões bibliográficas é a Análise Textual Discursiva (ATD). Esta técnica permite que haja, dentro de desígnios previamente estabelecidos, a conciliação entre a objetividade da Análise de Conteúdo (AC), por intermédio de apreciações precedentes, inferência e interpretação dos dados, e a Análise do Discurso (AD) crítico, interpretativo e subjetivo das informações extraídas dos documentos, a partir de sua codificação (MORAES; GALIAZZI, 2007). Em outras palavras:

A ATD baseia-se na organização de argumentos em quatro focos básicos: 1) desmontagem de textos; 2) estabelecimento de relações; 3) captação do novo emergente e 4) um processo auto organizado. Os três primeiros eixos constituem um ciclo onde há a emergência de novas compreensões. Desta forma, a partir da imersão no processo de análise criam-se condições para atingir um processo auto organizado (quarto foco). A relação cíclica dos três primeiros focos de análise permite um exercício efetivo de aprender, um aprender auto organizado (FREITAS; QUEIRÓS, 2020, p. 328).

Ou seja, a ATD pode ser empregada como um método de análise qualitativa, intermediária entre a AC e a AD, que permite reestruturar a compreensão sobre um

objeto de estudo pela aproximação de elementos unitários. Esses elementos são denominados de unidades de sentido e juntam-se em grupos que compartilham alguma semelhança, resultando em uma categorização (MORAES, 2003). Durante ATD é muito comum o processo de identificação de descritores, que segundo Svenonius (2009) significa uma palavra/expressão capaz de sintetizar os pontos principais da produção textual que está sendo analisada. De forma geral, um descritor identifica ideias e temas importantes para servir de referência a pesquisas em bases de dados e mecanismo de buscas.

Metodologia

A pesquisa, classificada como qualitativa-descriptiva, utilizou como procedimento técnico o levantamento de Trabalhos Completos (TC) e Resumos Simples (RS), nos anais do ENEQ, na área categorizada pelo evento como IPE. A análise documental, de caráter exploratória e de natureza mista, foi realizada com base na proposta da ATD, aplicada aos títulos, palavras-chave e/ou resumos do material selecionado (MORAES; GALIAZZI, 2007). Para o escopo desse levantamento foi definido um período que compreendeu os encontros que ocorreram entre os anos de 2014 a 2018. Esse espaço de tempo corresponde às três últimas edições: Ouro Preto - MG (ENEQ, 2014), Florianópolis - SC (ENEQ, 2016) e Rio Branco - AC (ENEQ, 2018). Esse recorte temporal

levou em consideração o acesso às informações disponibilizadas no formato digital através dos respectivos portais eletrônicos. Um aspecto metodológico que precisa ser destacado é que a busca só foi realizada no GT IPE. Assim, trabalhos que poderiam ser enquadrados no campo da Educação Inclusiva, mas que foram submetidos por seus autores a outros GT (por exemplo “Formação de Professores”), não entraram no escopo deste trabalho.

Em um primeiro momento foi explorado o teor quantitativo do mapeamento textual, obtido a partir de buscas específicas, que chegaram a um quantitativo de 86 trabalhos. Na sequência foi feita uma triagem dos títulos, palavras-chave e resumos dos TC e RS, com intuito de verificar se o descritor presente no material selecionado pertencia ao campo pré-estabelecido para essa pesquisa, cujo recorte não incluiu análises sobre políticas educacionais. Essa etapa eliminou 14 publicações e a análise dos dados dos textos restantes estão disponíveis no APÊNDICE deste trabalho - Quadros A (ENEQ, 2014), B (ENEQ, 2016) e C (ENEQ, 2018). Após a leitura do material selecionado, iniciou-se a análise qualitativa dos textos, contextos, resultados e discussão de cada TC e RS.

A partir dos dados obtidos na etapa anterior, determinou-se as 5 categorias que seriam exploradas, que foram: i. Esfera de Ensino (EE), subdividida em EB (Fundamental I e II, e Ensino Médio) e ES (graduação e pós-graduação); ii. Formato de Apresentação (FA), indi-

cando se o trabalho foi apresentado na modalidade TC ou RS; iii. Tipo de Produção (PRD), dividida em subcategorias (Quadro 1); iv. Alvo da Inclusão (AI), relativa ao recorte da inclusão (visual, auditiva, intelectual, gênero, racial, etc.); v. Local de Produção (UF), com o intuito de mapear a distribuição geográfica da pesquisa; vi. Instituições de Ensino (IE), indicando qual/quais instituições o(s) autor(es) estava(m) vinculado(s) no momento da elaboração do trabalho.

Quadro 1: Subcategorias vinculadas a categorização do Tipo de Produção (PRD) e suas respectivas definições

PRD	Definição
MD ⁽¹⁾	Atividades de elaboração de material específico novo ou pré-existente para um determinado grupo.
FP ⁽²⁾	Atividades voltadas para a formação de profissionais da área.
IDP ⁽³⁾	Atividades de ação em algum grupo com uma finalidade específica (diagnóstica, técnica, metodológica, experimental, plano de ação).
AP ⁽⁴⁾	Atividades de análise de um grupo visando sua caracterização.
LB ⁽⁵⁾	Atividades envolvendo análise de pesquisas sobre um tema específico dentro de uma área de conhecimento.

MD⁽¹⁾ = adaptação/produção de material didático; FP⁽²⁾ = formação de professores; IDP⁽³⁾ = intervenção didático-pedagógica; AP⁽⁴⁾ = análise de perfil; LB⁽⁵⁾ = levantamento bibliográfico.

Fonte: Autoria própria, 2020.

Cabe pontuar que a categorização que forneceu o mapeamento da distribuição geográfica de pesquisas no campo da inclusão, considerou apenas o local de origem do autor principal, sendo separado pelas regiões para facilitar a leitura dessas informações. Todas as análises se embasaram na ATD, que serão exploradas em resultados e discussão. A partir do levantamento e da análise do QPC chegou-se a um total de 212 descritores - presentes nos títulos, palavras-chave e/ou resumos. Estes foram reagrupados em 104 palavras e/ou expressões distintas, com o intuito de melhor caracterizar a distribuição dessas ideias nas três edições analisadas, que foram reagrupadas e apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Categorização dos descritores presentes nas produções analisadas

➤ acessibilidade	➤ formação profissional	➤ metodologias, didática e prática docente
➤ área de conhecimento*	➤ gênero, sexualidade e representatividade	➤ organização do ensino
➤ conhecimentos teóricos	➤ levantamento de dados	➤ referenciais teóricos
➤ especificidades**	➤ leis, normas, diretrizes e afins	➤ relações étnico-raciais
➤ eventos, programas, instituições de pesquisa	➤ materiais e ferramentas	➤ tema gerador

* Área de Conhecimento: (a) Geral, (b) Específica, (c) Aplicada.

** Especificidades: (a) Genérica, (b) Visual, (c) Intelectual/Cognitiva, (d) Auditiva. **Fonte:** Autoria própria, 2020.

Resultados e Discussão

A análise iniciada com 86 trabalhos (Quantitativo de Publicações Iniciais, QPI), após a primeira triagem foi reduzida a 72 (quantitativo de Publicações Categorizadas, QPC), como apresentado na Tabela 2. Os trabalhos que foram descartados não se relacionavam diretamente com educação inclusiva, pertencendo exclusivamente à área das políticas educacionais, e, apesar da relevância, a análise destes não foi prevista no desenho metodológico desse levantamento.

Tabela 2: Distribuição quantitativa referente ao número de publicações analisadas em cada edição do evento

Edição (ENEQ)	Ano	QPI	QPC
XVII	2014	17	14
XVIII	2016	61	51
XIX	2018	8	7
Total de publicações		86	72

Fonte: Autoria própria, 2020.

A primeira categoria de análise mostra que tanto em 2014 quanto 2018 a maior quantidade de trabalhos foi voltada para o EB (figura 1). Contudo, não foi possível identificar em qual EE o RS intitulado “O homem trans e a química: análise do potencial das situações que atraves-

sam esses sujeitos e suas experiências, para a abordagem de questões de gênero e sexualidade no ensino de química” (MARIN, 2018) poderia ser classificado pelos critérios estabelecidos na metodologia, uma vez que, apesar de embasar sua introdução nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2012), sugere que o mesmo apresenta potencialidade de ser empregado durante o processo de formação do professor de química. Consequentemente, a EE desse RS transita entre a EB e o ES.

Ainda sobre a EE, no ano de 2016 verificou-se uma quantidade maior de trabalhos focados no ES, impulsionada pelas publicações relacionadas tanto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e ao campo de Formação Docente, quanto pelos trabalhos sobre o estado da arte de temáticas inclusivas e afins. Tomelin e colaboradores (2018) pontuam que a observação de práticas inclusivas no ES é um fenômeno recente, e que as instituições precisam ir além da simples disponibilidade da vaga específica por meio de cotas, executando ações, como redes de apoio e acompanhamento continuado.

Figura 1: Resultados referentes à categoria Esfera de Ensino (EE)

Fonte: Autoria própria, 2020.

A análise dos dados apresentados no Gráfico 1 corrobora com os resultados apresentados no último Censo Demográfico Brasileiro, realizado em 2010, em que foi evidenciado que 61,1 % das pessoas com deficiência (PcD) no Brasil, maiores de 15 anos, não têm instrução ou têm o Ensino Fundamental incompleto. Outros 14,2 % têm EF completo ou Ensino Médio (EM) incompleto, 17,7 % têm EM completo ou ES incompleto, apenas 6,7 % concluíram um curso superior e 0,3 % não foram determinados (IBGE, 2010). Esse quantitativo chama mais

atenção quando confrontado com os dados do Censo da Educação Superior, de 2018, em que dos 5.053 alunos matriculados, somente 165 concluíram o curso de graduação (INPE, 2018). Nos ENEQ analisados, a pós-graduação aparece como um terreno inexplorado para pesquisas sobre inclusão. Todavia, com a repercussão da revogação da portaria nº 545/16 em junho deste ano, pelo ex-ministro da Educação Abraham Weintraub (G1, 2020), que desobriga as instituições de ensino superior a promoverem ações afirmativas para inclusão de minorias, espera-se que mais pesquisadores se dediquem ao problema futuramente.

Os resultados apresentados na figura 2 ilustram que a forma de apresentação mais comum foi TC, totalizando 42 trabalhos completos. Contudo, nos anais do XIX ENEQ (2018) não foram encontrados TC na área de IPE, provavelmente este quantitativo pode estar relacionado ao fato de que vários trabalhos apresentados no Acre foram selecionados para compor um dos três números da edição especial sobre o evento, na Revista *Scientia Naturalis* (2019). Hipótese confirmada pelos autores, que não incluíram esses artigos na análise, uma vez que o recorte foi específico para os trabalhos disponibilizados nos Anais.

Figura 2: Resultados referentes à categoria Formato de Apresentação (FA)

Fonte: Autoria própria, 2020.

A opção autoral pelo envio na modalidade TC permitiu uma compreensão mais ampla sobre a pesquisa, uma vez que as discussões realizadas foram mais profundas e elaboradas, colaborando para o desenvolvimento da área. Os resumos simples, por sua vez, estavam de modo geral relacionados a recortes de projetos maiores e/ou pesquisas em andamento, e foram apropriados para introduzir temáticas de uma maneira mais sucinta. Nos dois casos, o material analisado possui potencial para mediar reflexões críticas, e podem ser empregadas como

ferramenta no processo de aprendizagem e apropriação de conteúdos relevantes para formação na área de IPE.

Evocando a concepção de que instituições de ensino - básico e/ou superior, público e/ou privado – devem propiciar um ambiente acolhedor de aprendizagem colaborativa para todos, independentemente de suas especificidades, seus Projetos Políticos Pedagógicos e Matrizes Curriculares precisam ser desenhados de modo que garantam oportunidades equalitárias, para que o corpo social da instituição cresça e avance coletivamente. Para isto, é necessário que a inclusão seja contemplada em vários aspectos, fazendo-se presente em todos os níveis e locais formais, ou não formais, de aprendizagem. Isso implica na aceitação e respeito às idiossincrasias, que enriquecem as vivências humanas, uma vez que seres sociais aprendem uns com os outros (FERRAZ, 2019).

Esses argumentos apareceram de forma explícita ou implícita nos trabalhos analisados, apesar de ainda haver assuntos que são pouco abordados em uma perspectiva inclusiva (MARIN, 2018; PEREIRA et al., 2018). A figura 3 denuncia essa fragilidade e mostra que o Tipo de Produção (PRD) mais recorrente foi a Intervenção Didático-Pedagógica (IDP), seguido por trabalhos sobre Formação Docente (FP), Adaptação/Produção de Materiais Didáticos (MD) e Levantamentos Bibliográficos (LB).

Figura 3: Resultados referentes à categoria Tipo de Produção (PRD)

Fonte: autoria própria, 2020.

O PRD Análise de Perfil (AP) foi identificado apenas no evento de 2018, nos RS intitulados “O homem trans e a química: análise do potencial das situações que atravessam esses sujeitos e suas experiências, para a abordagem de questões de gênero e sexualidade no ensino de química” (MARIN, 2018) e “Perfil da representatividade de gênero em disciplinas de físico-química” (PEREIRA et al., 2018). Evidenciando a necessidade de se incentivar pesquisas nesse campo de saber.

Com relação ao Quadro 3 a divisão de tópicos observada pela categorização dos descritores sugere uma estrutura comum: área de interesse, público-alvo e tema. Por exemplo, em “Ensino de química para surdos usando recursos didáticos inclusivos”, a área de interesse seria o ensino de química, surdos o público alvo e o tema recursos didáticos inclusivos.

Quadro 3: Categorias e frequência (frq) dos descritores identificados nos textos analisados (entre parênteses se encontra a frq individual de cada entrada)

Categoria		Frq	Descritores
Acessibilidade		3	no ensino superior (1); acesso à ciência (1); adaptação de recursos (1)
Área de Conhecimento	(a) Geral	28	inclusão (11); química (10); aprendizagem (2); ensino (2); educação (1); ensino e aprendizagem (1), inclusão e química (1)
	(b) Específica	52	ensino de química (32); educação inclusiva (11); inclusão escolar (3); educação especial (2); ensino especial (2); educação química (1); ensino de ciências (1)
	(c) Aplicada	5	aula de química (1); educação de surdos (4)
Conhecimentos Teóricos		8	tabela periódica (2); ácidos e bases de Arrhenius (1); conceitos químicos (1); transformação química (1); transformações

			(1); representação imagética (1); semiótica (1)
Especificidades	(a) Genérica	4	pessoa com deficiência (2); aluno com deficiência (1); deficiência (1)
	(b) Visual	12	deficiência visual (7); cego (1); cegos (1); cegueira (1); docente cego (1); sensibilidade cromática (1)
	(c) Intelectual; Cognitiva	4	síndrome de down (2); altas habilidades/super dotação (1); autismo (1)
	(d) Auditiva	23	surdo (6); surdez (4); surdos (2); alunos surdos (1); estudantes ouvintes (1); estudantes surdos (1); libras (6); sinais (1); <i>sign writting</i> (1)
Eventos, Programas e Instituições de Pesquisa		8	PIBID (2); APAE* (1); ENEQ (1); escola pública (1); grupos de pesquisa (1); rede de apoio (1); SEI** (1)
Formação Profissional		10	formação de professores (5); formação (1); formação docente (1); formação docente em química (1); necessidades formativas (1); professores (1)
Gênero, Sexualidade e Representatividade		8	gênero (2); educação sexual (1); equidade de gênero (1); química da sexualidade (1); sexualidade (1); representatividade (1)
Levantamento de Dados		3	estado da arte (1); produção acadêmica (1); triangulação (1)

Leis, Normas, Diretrizes e Afins	7	Lei 10.639/03 (7)
Materiais e Ferramentas	9	materiais didáticos (3); recurso didático inclusivo (2); artefatos químicos (1); audiodescrição (1); recursos alternativos (1); tecnologia assistiva (1)
Metodologias, Didática e Prática Docente	12	experimentação (2); atividades inclusivas (1); didática (1); estratégia didática (1); experimentos (1); experimentos de química (1); interações (1); mediação (1); mediação do conhecimento científico (1); metodologia de ensino (1); raciocínio qualitativo (1)
Organização do Ensino	2	currículo (1), disciplinas (1)
Referenciais Teóricos	2	Bachelard (1); Foucault (1)
Relações Étnico-Raciais	4	cultura africana (1), descolonização do currículo (1), diáspora (1), diáspora africana no Brasil (1)
Tema Gerador	8	aquecimento global (1); café (1); extração de cafeína (1); mulheres na ciência (1); platina (1); política (1); proteção da pele (1); reciclagem (1)

*APAE = Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais; **SEI = Sequência de Ensino Investigativa.

Fonte: Autoria própria, 2020.

Ao se comparar a categorização dos descritores com a frequência que estes aparecem nos textos (Quadro

3) nota-se que 63 trabalhos direcionaram o debate sobre inclusão para um público alvo específico (Figura 4) sendo mais comuns os trabalhos que se destinavam a PcD, mais precisamente alunos com deficiência visual (24%) e auditiva (41%). Merece destaque a ocorrência de outros campos de inclusão - como racial, de gênero e sexualidade - que são assuntos raramente designados à área da Educação Inclusiva no Ensino de Química. Curiosamente não houve registro de trabalho algum que se dedicasse à inclusão de alunos com algum tipo de deficiência motora.

Figura 4: Resultados referentes à categoria Alvo da Inclusão (AI)

Fonte: Autoria própria, 2020.

Levando em consideração que a Educação Inclusiva surgiu de um movimento social que tinha por objetivo romper com o paradigma da exclusão de minorias, que eram marginalizadas no processo educacional (CAPELLINI; MENDES, 1995), a inserção de grupos, que antes eram “invisíveis”, sugere que as discussões sobre inclusão no Ensino de Química podem ser expandidas para lugares inexplorados e com bastante potencial de pesquisa.

Os dados referentes ao local de produção dos trabalhos (Figura 5) apontam uma concentração dos trabalhos (88%) na região centro-sul do país. A região centro-oeste foi a região com maior número de publicações (28) com Goiás liderando com 19 trabalhos. Correlacionando o vínculo dos autores com alguma instituição de pesquisa, contabilizaram-se 46 locais distribuídos entre universidades, institutos federais, centros de pesquisa e instituições de ensino básico. Entre estudantes de iniciação científica (IC), pesquisadores, professores, pós-graduandos e etc., chama a atenção o número de vínculos com alguma instituição do estado de Goiás, que corresponde a 26% do total, sendo a Universidade Federal de Goiás (UFG) responsável por impressionantes 16% de participações (Gráfico 5).

Figura 5: Resultados referentes à categoria Local de Produção (UF) e Instituições de Ensino (IE)

Fonte: autoria própria, 2020.

Esse dado é explicado pela forte ação de grupos de pesquisa em Ensino Inclusivo da UFG e em outros centros do estado – tais como o Instituto Federal de Goiás (IFG) e o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) – com destaque especial ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), ao Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão (LPEQI) e ao Coletivo Ciatá, vinculado ao LPEQI. Schuindt e Matos (2016), obtendo um resultado semelhante entre 2008 e 2014, relacionaram o número de publicações com o surgimento de Grupos de Pesquisa dedicados ao tema para suprir a de-

manda regional de capacitação profissional, e ao que tudo indica, a demanda persistiu no período avaliado.

Outro dado que chamou atenção foi a quantidade de trabalhos que contaram com participação de pesquisadores de instituições de pesquisa diferentes. Do quantitativo analisado, verificou-se que 13 dos 72 trabalhos analisados (18%) envolviam duas ou mais instituições. Os autores consideram que este dado pode ser visto como um estímulo ou um convite a uma maior colaboração entre pares, suscitando o intercâmbio de ideias e experiências oriundas de diversos locais, a fim de enriquecer os debates e as produções acadêmicas relacionadas.

Apesar de a região sudeste aparecer como a segunda região em termos de produção (totalizando 20 publicações no conjunto analisado), o Rio de Janeiro, local de origem dos autores deste trabalho e, portanto, de interesse para o grupo de pesquisa, foi responsável apenas por três trabalhos o que representa somente 4% do total de publicações avaliadas.

Ao se pesquisar na Plataforma Lattes por grupos de pesquisa em “Inclusão no Ensino de Química” registrados no estado, obtivemos dois resultados: Laboratório de Química de Materiais Avançados (LQMA) na linha de pesquisa “Inclusão Social” e o Grupo de Pesquisa em Experimentação no Ensino de Química, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essa informação

sugere que a participação dos profissionais e estudantes dos cursos de licenciatura e pós-graduação pode e deve ser mais incentivada na maioria dos estados brasileiros, incluindo o Rio de Janeiro, atraindo mais alunos dos cursos citados a participar desses eventos e de grupos de pesquisa assim como ocorrido no estado de Goiás, a fim de ampliar a adesão de pesquisadores.

Considerações finais

Esta técnica (ATD) permitiu que dentro dos objetivos estabelecidos houvesse a conciliação entre a objetividade (por meio de pré-análise, inferência e interpretação dos dados, típico da AC) com uma análise crítica, interpretativa e subjetiva das informações extraídas dos documentos a partir de sua codificação e categorização.

Com relação aos resultados, a primeira consideração a ser feita a partir dos dados recolhidos é o número relativamente pequeno de trabalhos dentro da linha temática que é destinada para o assunto, haja visto que apenas na edição de 2016 foram 1602 trabalhos submetidos². Ou seja, o número de trabalhos dentro da linha temática da inclusão representou apenas 0,04% do total para aquele ano e, mesmo se considerarmos publicações

²O site da edição de 2016 foi o único que a informação sobre a totalidade dos trabalhos foi divulgada.

que também abordam a inclusão, porém não se encaixaram dentro do recorte desse trabalho, a expectativa seria aquém do desejado para representar uma mudança do panorama da inclusão efetiva, no que tange à educação brasileira.

Foi constatado um grande volume de trabalhos nessa área direcionados para ações de intervenção ou adaptação de material didático, particularmente para estudantes que apresentam algum tipo de especificidade visual ou auditiva, evidenciado pela frequência de palavras-chave relacionadas com o assunto. Ao mesmo tempo um dado interessante que emergiu da análise foi a presença de publicações que levem em consideração a inclusão baseada em gênero e sexualidade, e também racial, ampliando o leque de discussões que a Educação Inclusiva pode fornecer, ao englobar também outros grupos em situação de fragilidade social.

A perspectiva para a próxima edição é que mais trabalhos desse tipo sejam produzidos e espera-se que a linha temática dedicada ao assunto – nomeada “Diversidade e Inclusão” – tenha um crescimento significativo no volume de publicações em relação às edições anteriores. É importante destacar o trabalho de grupos de estudos localizados majoritariamente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que impulsionam a produção e desempenham papel de destaque nesse campo do conhecimento. Os autores desse levantamento esperam que as contribui-

ções e discussões aqui apresentadas sirvam de base para futuros conhecimentos a serem produzidos dentro do campo da Educação Inclusiva, bem como suscitem reflexões sobre o tema.

Referências

AFONSO, D. Os desafios da educação inclusiva: foco nas redes de apoio. *Revista Nova Escola*, 2013.

BARRETO, C. S. G.; REIS, M. B. F. Educação inclusiva: do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade. *Revista Polyphonia*, v. 22, n. 1, p. 19-32, 2011.

BEYER, H. O. A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. *Revista Educação Especial*, v. 1, n. 1, p. 33-44, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Resolução CNE/CEB nº 2. Brasília, 2012. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9917-rceb002-12-1&Itemid=30192>.

Acesso em: 3 nov. 2020.

CAPELLINI, V. L. M. F.; MENDES, E. G. *História da Educação Especial*: em busca de um espaço na história da educação brasileira. UNESP/Bauru, 1995.

ENEQ. Encontro Nacional de Ensino de Química, XVI., 2012, Salvador - BA. *Anais* [...]. Salvador: Sociedade Brasileira de Química, 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/index>>
. Acesso em: 04 ago. 2020.

ENEQ. Encontro Nacional de Ensino de Química, XVII., 2014, Ouro Preto - MG. *Anais [...]*. Ouro Preto: Sociedade Brasileira de Química, 2014. 5528 p. Disponível em: <http://www.s bq.org.br/eneq/xvii/anais_xvii_eneq.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ENEQ. Encontro Nacional de Ensino de Química, XVIII., 2016, Florianópolis - SC. *Anais [...]*. Florianópolis: Sociedade Brasileira de Química, 2016. Disponível em: <<http://www.eneq2016.ufsc.br/index.php/component/k2/item/101-certificados/101-certificados>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ENEQ. Encontro Nacional de Ensino de Química, XIX., 2018, Rio Branco - AC. *Anais [...]*. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Química, 2018. 2033 p. Disponível em: <http://www.eneq2018noacre.com.br/conteudo/view?ID_CO NTEUDO=421>. Acessado em: 04 ago. 2020.

FERRAZ, D. M. Visibilidade LGBTQIA+ e Educação Linguística: por entre os discursos de ódio, aceitação e respeito. *Revista X*, v. 14, n. 4, p. 200-221, 2019.

G1. MEC revoga portaria que acabava com incentivo a cotas para negros, indígenas e pessoas com deficiência na pós-graduação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/23/mec-revoga-portaria-que-acabava-com-incentivo-a-cotas-para-negros-indigenas-e-pessoas-com-deficiencia-na-pos-graduacao.ghml>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FREITAS, W. P. S.; QUEIRÓS, W. P. O processo de compreensão das interações Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) em um

curso de formação inicial de professores de física. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 15, n. 2, p. 324-347, 2020.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 23, p. 183-184, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo de 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopse Estatística da Educação Superior 2018*. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acessado em: 24 ago. 2019.

LACERDA, A. L.; WERBER, C.; PORTO, M. P.; SILVA, R. A. A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 13, n. 1, p. 130-144, 2008.

MARIN, Y. A. O. O homem trans e a química: análise do potencial das situações que atravessam esses sujeitos e suas experiências, para a abordagem de questões de gênero e sexualidade no ensino de química. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, XIX., 2018, Rio Branco - AC. *Anais [...]*. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Química, 2018.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Revista Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

OLIVEIRA, J. Análise da produção científica com a temática inclusão no ensino superior: reflexões sobre artigos publicados no período de 2016 a novembro de 2018. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-27, 2019.

PEREIRA, C. F.; GERPE, R. L.; ROCHA, A. S.; SOUSA, C.; BECKER, S.; TAMIASSO-MARTINHON, P. Perfil da representatividade de gênero em disciplinas de físico-química. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, XIX., 2018, Rio Branco - AC. *Anais [...]*. Rio Branco: Sociedade Brasileira de Química, 2018.

PREUSSLER, G. S.; CORDAZZO, K. Resenha - A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente (Jock Young). *Revista Direito & Práxis*, v. 9, n. 1, p. 563-576, 2018.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e a especificidade da educação. In: Saviani, D. (org.). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10ª ed., São Paulo: Autores Associados, 2011. p. 11-20.

SCHUINDT, C. C.; MATOS, C. F.; SILVA, C. S. Os caminhos da Educação Inclusiva para o Ensino de Química: uma análise dos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Química, de 2008 a 2014. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, XVIII., 2016, Florianópolis – SC. *Anais [...]*. Florianópolis: Sociedade Brasileira de Química, 2016.

SILVA, L. V.; BEGO, A. M. Levantamento bibliográfico sobre educação especial e ensino de ciências no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 3, p. 343-358, 2018.

SVENONIUS, E. *The intellectual foundation of information organization*. Cambridge: MIT Press, 2009. 255p.

TAMIASO-MARTINHON, P.; QUITETE, T. M. S.; ROCHA, A. S. R.; SOUSA, C. Um olhar discente-docente sobre a inclusão nas grades curriculares. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO*, V., 2018, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: V CEDUCE, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

TOMELIN, K. N.; DIAS, A. P. L.; SANCHEZ, C. N. M.; PERES, J.; CARVALHO, S. Educação inclusiva no ensino superior: desafios e experiências de um núcleo de apoio discente e docente. *Revista Psicopedagogia*, v. 35, n. 106, p. 94-103, 2018.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. *Tipos de Revisão de Literatura*. Campus Botucatu. Faculdade de ciências agrônomicas. Biblioteca Paulo de Carvalho Mattos. 2015. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

Apêndice

Quadro A - Publicações avaliadas dos anais digitais disponibilizados pelo XVII ENEQ (2014)

Título	Palavras-chave	EE	PRD	AI	FA	IE
Análise da acessibilidade do Instituto de Química/UFRGS: a	Acessibilidade no Ensino Superior, Inclusão,	ES	FP	-	TC	UFRGS

inclusão no ensino superior em foco	Pessoa com deficiência					
As contribuições dos recursos visuais no ensino de química na perspectiva da educação inclusiva no contexto da surdez usando o tema automedicação	Ensino de química; Inclusão; Surdos	EB	MD	Auditiva	TC	FURB, EEAO A
Diagnóstico das dificuldades enfrentadas por professores de Química para o trabalho com a educação inclusiva no Município de Campina Grande – PB.	Formação de professores, Educação Inclusiva, Ensino de Química	EB	FP	-	RS	UEPB
Ensino de Química e a Ciência de Matriz Africana: Uma Discussão Sobre as Propriedades dos Metais	Ensino de química, Lei 10.639-03, diáspora africana no Brasil	EB	IDP	Racial	TC	UFG
Formação continuada de professores de ciências para a educação inclusiva: identificando suas necessidades formativas	Formação de Professores, Educação Inclusiva, Necessidades Formativas	EB	FP	-	TC	UESC
Inclusão Escolar e Ensino de Ciências: o estado da arte no Brasil e na Universidade de Brasília	Inclusão escolar, Ensino Especial.	ES	FP	-	RS	UnB
Investigação sobre ensino para alunos com deficiência cognitiva: proposta	Deficiência, Inclusão, Química	EB	IDP	Intelectual	TC	IFES

de atividade didática para ensino de química.						
Mediação do conhecimento científico articulada pelo professor durante uma aula sobre Transformações Químicas para estudantes surdos	Educação dos Surdos, Mediação do conhecimento científico, Transformações Químicas	EB	IDP	Auditiva	RS	UFV
O Ensino de Química e o Sujeito Surdo: a Linguagem e a Escola e sua Relação com Michael Foucault.	Surdo, Foucault, química.	EB	FP	Auditiva	RS	UFJF, UFV
O ensino de química para alunos surdos: Um estudo de caso no município de São Mateus-ES.	Química, libras, ensino.	EB	IDP	Auditiva	TC	UFES
O professor de Química e a deficiência visual.	Química, Cegueira, Inclusão	EB	FP	Visual	RS	UFAC
Recurso didático inclusivo para mediação dos conceitos de ácido e base de arrhenius	Recurso didático inclusivo, Deficiência visual, Ácidos e bases de Arrhenius.	EB	MD	Visual	TC	UFMS
Reflexões sobre a prática pedagógica do docente cego no ensino de química para alunos cegos.	Deficiência visual, docente cego, ensino de química	ES	FP	Visual	TC	UFAC, CAPD V
Uso da Semiótica em Estratégias Voltadas para a Educação Inclusiva Situada no Ensino de Ciências	Autismo, inclusão e semiótica	EB	IDP	Intelectual	TC	UFRJ

Fonte: Autoria própria, 2020.

Quadro B: Publicações avaliadas dos anais digitais disponibilizados pelo XVIII ENEQ (2016)

Título	Palavras-chave	EE	PRD	AI	FA	IE
A construção de conhecimento em química através do uso de métodos diferenciados de ensino para alunos com síndrome de Down	Ensino de química, Síndrome de Down, Metodologia de Ensino	EB	IDP	Intelectual	RS	UFES
A educação inclusiva nas investigações dos grupos de pesquisa em educação química no Brasil	Inclusão, Grupos de Pesquisa, Educação Química	ES	FP	-	TC	UFFS, UFPEL
A educação química inclusiva na visão de professores de uma escola pública de Anápolis, Goiás.	Química, Educação Inclusiva, Professores	EB	FP	-	RS	IFG
A opinião de surdos e ouvintes sobre o seu processo de aprendizagem em aulas de química: uma análise proveniente de questionários semiestruturados	Ensino de Química, Surdez, Inclusão	EB	IDP	Auditiva	RS	UFJF
A produção de recursos didáticos para estudantes surdos: possibilidades interdisciplinares no curso de licenciatura em química – IF catarinense /campus Araquari	Ensino de Química, LIBRAS, Aprendizagem	ES	MD	Auditiva	TC	IFC
A química do café e a lei 10.639/03: uma atividade prática de extração da cafeína a	Cultura africana, Ensino de Química, Extração da cafeína,	EB	IDP	Racial	TC	UFG

partir de produtos naturais	Lei 10.639/03					
A representação imagética no ensino de química para surdos: em foco os estados físicos da água.	Surdos, Representação Imagética, Química	ES	IDP	Auditiva	RS	UFG, IFG, CNSA, CEJBM P
A sensibilidade cromática e a leitura de cores: a discromatopsia como um obstáculo para a aprendizagem	sensibilidade cromática, aprendizagem, ensino de química	EB	MD	Visual	RS	PUC-GO, UFG
Análise crítica de uma proposta de recurso didático para a inclusão de alunos com deficiência visual no ensino de química	ensino de química, deficiência visual, recurso didático inclusivo	EB	MD	Visual	RS	UnB
Análise da produção de trabalhos relacionados com o ensino de ciências da natureza e suas tecnologias para alunos surdos	LIBRAS, química, ensino e aprendizagem	ES	LB	Auditiva	TC	USP
Análise de textos do ENEQ sobre a educação inclusiva para surdos a partir da perspectiva histórico-cultural	Educação inclusiva, Ensino de química, Surdos	ES	LB	Auditiva	TC	UFBA
Artefatos pedagógicos adaptados ao ensino de química para surdos	Artefatos químicos, atividades inclusivas, surdez	EB	MD	Auditiva	RS	UFES
As temáticas apresentadas nos estudos com alunos surdos publicados em anais de even-	ensino de química, Libras, surdos	ES	LB	Auditiva	TC	UFABC, UFF

tos e periódicos da área de ensino de química e/ou ciências						
Áudio-descrição como estratégia pedagógica de inclusão no ensino de química	Áudio-descrição, ensino de química, inclusão escolar	EB	MD	Visual	TC	UnB
Comparações entre imagens e suas áudio-descrições para deficientes visuais em um livro didático de química	Bachelard, ensino de química, cego	ES	IDP	Visual	TC	UFRJ
Confecção de material didático para a alfabetização científica de alunos com deficiência auditiva	ensino de química, LIBRAS, tabela periódica	EB	MD	Auditiva	TC	USP
Construção de recursos alternativos para o ensino de química para alunos com deficiências	inclusão, ensino de química, recursos alternativos	ES	MD	Múltiplas	TC	UNIPA MPA, UFPEL, UnB
Desenvolvimento de uma tabela periódica utilizando o sistema Signwriting.	Tabela periódica, Educação de surdos, SignWriting	EB	MD	Auditiva	RS	UDESC
Educação de surdos brasileiros: de Dom Pedro II aos desafios atuais	Inclusão, Química, Surdos	ES	LB	Auditiva	TC	UFSC
Educação inclusiva sob a ótica de educadores da rede regular de Salinas/MG.	inclusão escolar, formação de professores escola pública, política pública	EB	FP	-	TC	IFNMG
Elementos para a elaboração de uma estratégia didática para	Ensino de Química, Raciocínio Qualita-	EB	IDP	Auditiva	TC	UnB, IF Goiano

o ensino de química, destinada ao aprendizado de surdos e ouvintes, baseada em raciocínio qualitativo	tivo, Estratégia Didática					
Ensino de química e inclusão: um episódio da educação de surdos na rede pública do município de cabeceiras de Goiás	Inclusão e Química, Ensino de Química e Surdez, Educação de Surdos Experimentos	EB	MD	Auditiva	RS	UEG
Ensino de transformação química em uma turma de estudantes surdos: contextualizando por meio da ferrugem	Ensino de Química, Estudantes Surdos, Transformação Química	EB	IDP	Auditiva	RS	UFV
Experimentação no ensino de química com cegos: uma pesquisa na formação inicial dos professores	cegos, ensino de química, formação de professores	ES	FP	Visual	TC	UFSC
Experimentos de química aplicados no i encontro de surdos com a ciência: uma reflexão para a atuação docente	Experimentos de Química, Libras, Acesso à Ciência	ES	IDP	Auditiva	TC	UNIFE SP
Formação de professores de química e educação inclusiva: análise dos currículos dos cursos de licenciatura	Educação Inclusiva, Ensino de Química, Formação de professores	ES	FP	-	TC	UFPR
Formação docente em química a partir da experimentação: estudos sobre o uso de tecnologia assistiva para deficientes visuais	Formação docente em química, Experimentação, Tecnologia Assistiva	ES	FP	Visual	TC	UFG
Implementação da lei 10.639/03: uma ação	ensino, lei 10.639/03,	EB	IDP	Racial	RS	UFG

afirmativa a partir do ensino de química.	diáspora					
Implementação da lei 10639/03 no ensino de química: uma experiência no contexto da produção de biocombustíveis e o aquecimento global	Aquecimento Global, Lei 10639/03, orixá	EB	IDP	Racial	TC	UFG
Inclusão de alunos autistas: adaptação de plano de aula de química	inclusão, autismo, aula de química	EB	IDP	Intelectual	RS	UEPG
Inclusão no ensino superior: um estudo com docentes de um curso de licenciatura em química	Educação Inclusiva, Formação docente, Inclusão	ES	FP	-	TC	UnB
Intervenção pedagógica: sexualidade e identidade de gênero na formação inicial de professores de química.	Gênero, Sexualidade, Didática	ES	IDP	Gênero e sexualidade	TC	UFG
Intervenções do PIBID na construção do ensino aprendizagem de química na educação especial	APAE, Educação Especial, PIBID	ES	IDP	Intelectual	RS	IFC
Investigação sobre ensino de cromatografia para alunos com deficiência visual: perspectivas de professores e proposta de atividade didática	Educação Inclusiva, Deficiência Visual, Ensino de Química	ES	IDP	Visual	TC	IFES
Leite adulterado: uma proposta investigativa vivenciada por estudantes surdos na perspectiva bilíngue	ensino de química, surdo, SEI	EB	IDP	Auditiva	RS	SELI, IFSP

Materiais de suporte no ensino de química para surdos?	Materiais Didáticos, Surdos, Química	ES	LB	Auditiva	TC	UFU
O café no dia a dia, propriedades químicas e sua relação Brasil-África.	Café, Lei 10.639, Ensino de Química	EB	IDP	Racial	TC	UFRN
O ensino de química em libras: interpretando interações	Sinais, mediação, interações	ES	IDP	Auditiva	RS	UFMT
O ensino de química no contexto dos alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD).	Ensino de química, Altas Habilidades/Superdotação, Educação especial	EB	FP	Intelectual	TC	UCB, IF Goiano
O ensino de química para alunos surdos: conceito de misturas no ensino de ciências	conceitos químicos, educação de surdos, ensino de ciências	EB	IDP	Auditiva	TC	UFG
O ensino de química para surdos em Anápolis, Goiás: uma análise a partir da triangulação de dados	Ensino de Química, Alunos Surdos, Triangulação	ES	LB	Auditiva	TC	IFG
O estudo da educação inclusiva na formação de professores de química	Ensino de Química, Educação Inclusiva, Pessoa com Deficiência	ES	LB	Auditiva	TC	IFMS
Os caminhos da educação inclusiva para o ensino de química: uma análise dos anais dos encontros nacionais de ensino de química, de 2008 a 2014	Educação Inclusiva, Produção acadêmica, ENEQ	ES	LB	-	TC	UFPR
Os materiais didáticos adaptados para defici-	Ensino de Química, Defi-	EB	MD	Visual	TC	UFPR

entes visuais nas aulas de química na perspectiva de alunos cegos, especialista e gestor educacional	ciência Visual, Material Didático					
PIBID: a experimentação no ensino de química para surdos	PIBID, Experimentação, Surdez.	ES	IDP	Auditiva	TC	UFG, IFG, CNSA, CEJBM P
Química experimental e a lei 10639/03: inserção da história e cultura da África e afro-brasileira no ensino de química	Descolonização, do Currículo, Lei 10639/03	ES	IDP	Racial	TC	UFG
Recursos acessíveis ao ensino de química: diagrama tátil de Linus Pauling e tabela periódica	alunos com deficiência, adaptação de recursos, ensino de química	EB	MD	Visual	RS	UNIPAMPA
Sobre mulheres e produção em ciências: discutindo questões de gênero em aulas de química	Mulheres na Ciência, Aulas de Química, Equidade de Gênero	EB	IDP	Gênero e sexualidade	RS	UFG
Sobre o apartheid e a platina: uma experiência na implementação da lei 10.639/03 no currículo da química	Currículo, Platina, Ensino de química	ES	IDP	Racial	TC	UFG
Tendências atuais da pesquisa em ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino de química	estado da arte, Lei 10639/03, Química	ES	LB	Racial	TC	IF Goiano, UFU, CBM, URI
Tendências das pesquisas internacionais sobre o ensino de ciências para deficientes visu-	Deficiência visual, Educação inclusiva, Material Didático	ES	LB	Visual	TC	UFPR

ais: foco nos materiais didáticos para o ensino de química.	co					
---	----	--	--	--	--	--

Fonte: Autoria própria, 2020.

Quadro C: Publicações avaliadas dos anais digitais disponibilizados pelo XIX ENEQ (2018)

Título	Palavras-chave	EE	PRD	AI	FA	IE
O homem trans e a química: Análise do potencial das situações que atravessam esses sujeitos e suas experiências, para a abordagem de questões de gênero e sexualidade no ensino de química	Educação sexual, Estudos de gênero; Química da sexualidade.	-	AP	Gênero e sexualidade	RS	UFAC
Perfil da representatividade de gênero em disciplinas de físico-química	Representatividade, Gênero, Disciplinas	ES	AP	Gênero e sexualidade	RS	UFRJ
Aula contextualizada e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para alunos neurotípicos e com síndrome de Down de um curso técnico em controle ambiental	Síndrome de Down, Reciclagem.	EB	IDP	Intelectual	RS	IFPB
Acerca do papel da mídia e proteção da pele negra em aulas de química	Ensino de Química, Proteção de pele	EB	IDP	Racial	RS	UFG
Oficinas de ciências inclusivas: um diferencial na formação do professor de química.	Educação, Inclusão, formação	ES	FP	Intelectual	RS	USP
A rede de apoio à educação inclusiva em Jataí-GO: limites e possibilidades	Educação Especial; Educação Inclusiva;	EB	FP	-	RS	UFG

Inclusão de surdos nas aulas de Química: concepções dos estudantes ouvintes	Rede de Apoio Inclusão, estudantes ouvintes, Ensino de Química	EB	IDP	Auditiva	RS	UFAM
---	--	----	-----	----------	----	------

Fonte: Autoria própria, 2020.